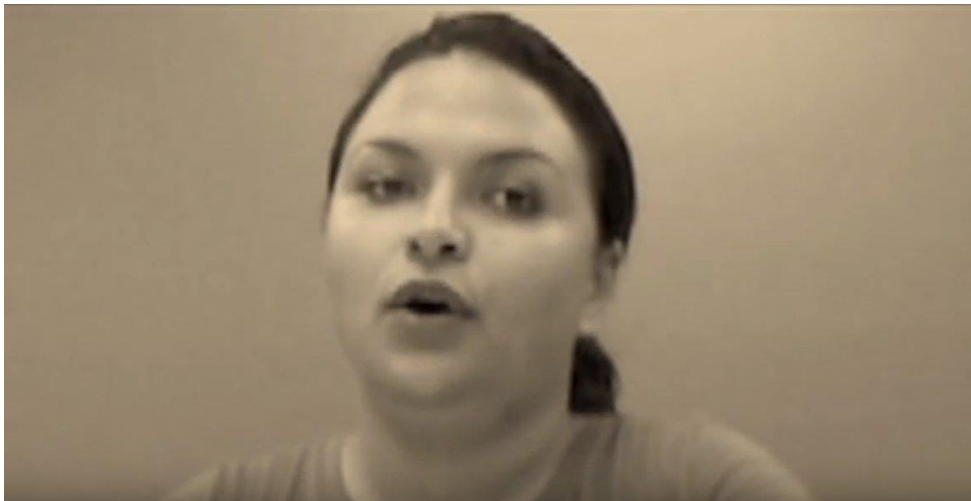


Qual o papel dos cursinhos populares?

O papel da extensão universitária em contexto neoliberal

Análise crítica do filme “CAUM” (2014)

Laís Morelli Moraes



*Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e,
assim descobrindo-se,
com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.*

(Paulo Freire, 'Pedagogia do Oprimido' 1968)

“O CAUM, Né? Tem uma outra proposta.”

Cine Trabalho

Este texto tem como objetivo apresentar o Cursinho Alternativo da UNESP Marília, os ideais de uma educação popular, o projeto de educação nacional, a importância dos projetos de extensão para a universidade pública, mas principalmente trazer a tona alguns dos reflexos de uma economia neoliberal cujo desmonte da universidade é só um dos projetos que viabilizam uma política econômica aburguesada e distante da população.

Em pleno século 21 nos encontramos em um momento histórico em que o sucateamento da universidade se torna mais pungente devido as medidas neoliberais presentes no projeto de nação (em maior ou menor grau dependendo do governo, mas sempre em perspectiva mercadológica) que vem sendo delineado pós redemocratização. Diante disso, as universidades públicas que se organizam pelos 3 pilares – ensino, pesquisa e extensão – tentam viabilizar em maior grau os projetos que ampliam a rentabilidade da instituição, e menosprezam e diminuem os projetos que não trazem “prestígio” ou “monetização e patentes”; os cursinhos populares se enquadram no segundo.

O CAUM, que surge em Marília no final do milênio passado, se constrói com um objetivo bastante claro e condizente com as perspectivas abordadas nos cursos de humanidades da Faculdade de Filosofia e Ciências, um projeto que, antes mesmo da inserção das cotas, já se propunha a criar condições para que a classe trabalhadora e seus filhos pudessem usufruir do conhecimento gerado na universidades, bem como se inserirem neste espaço para eles mesmos serem os produtores, ou seja, tornar os estudantes do projeto parte do ambiente universitário, propondo-se a ser um espaço para ver aplicados os conceitos aprendidos durante a graduação.

O Plano Nacional de Educação prevê que as extensões universitárias tem como papel a formação integral dos discentes que deles participam, bem como a retribuição dos impostos investidos nas universidades em forma de serviços públicos e gratuitos. Neste sentido, esta análise crítica do vídeo sobre o Cursinho Alternativo da UNESP Marília tentará propor um paralelo entre dois projetos de extensão diametralmente opostos no sentido político em que estão inseridas; de um lado os cursinhos populares presentes em diversas universidades – ainda que se organizem de maneiras distintas, o fomento do direito ao acesso a educação superior esta presente em todos eles -, do outro as empresas juniores, cuja perspectiva histórica narra a mudança da proposta de cidadania como a descrita na constituição de 1988 para a perspectiva liberal implantada nas políticas posteriores.

Primeiramente, a estrutura educacional do ensino médio apesar ter um conjunto de leis que visam a democratização do conhecimento, do acesso e da permanência, tem em sua base

Cine Trabalho

organizativa um conjunto de problemas que permeiam desde a má remuneração dos professores, até a falta de formação de qualidade para os estudantes – não no sentido de professores mal formados, mas no sentido de uma educação redutivista e tecnicista; formando estudantes que não gostam de estudar por diversos motivos, desamparo do estado, elitização ou distanciamento do conhecimento, falta de incentivo familiar, necessidade de se inserir ao mercado de trabalho para garantir a subsistência da família secundarizando os estudos, etc.

Assim, os cursinhos populares surgem, de certa forma, para tentar diminuir um pouco o abismo educacional existente entre as escolas de elite que formam os filhos da classe média e alta para a inserção na universidade pública, e os estudantes das escolas públicas sucateadas. Dentre estes cursinhos, está o CAUM, um projeto que congrega a fome dos estudantes de graduação em ensinar e melhorar sua formação, com a vontade de comer da população marginalizada que quer estar dentro da universidade pública, mas que o estado não garante o acesso.

É necessário salientar que a organização das universidades públicas prevem em seus estatutos a formação integral do estudante; claramente os estudantes optam, ao longo da graduação, por exercer mais uma área do que outra, “Eu fui mais ligado a iniciação científica e tudo mais, (...)mas eu, ao mesmo tempo que eu sempre gostei de pesquisar eu senti que faltava alguma coisa porque eu não enxergava um reflexo social direto ao meu trabalho. (...) eu não via tanta utilidade no que eu pesquisava, era útil pra um universo que já era privilegiado, coisa que não me deixava confortável” como diz Gustavo, já no começo do vídeo; Sendo que, nos cursos de humanas a pesquisa é incentivada por ser mais “frutífera” financeiramente (a curto e médio prazo) do que a docência, enquanto a licenciatura é marginalizada inclusive pelos professores mais ortodoxos.

Para além de seu papel de formação dos estudantes universitários os projetos de extensão vinculados ao ensino funcionam também como incubadoras de propostas pedagógicas, afinal, são formados por estudantes cujo desejo de autonomia que os projetos possibilitam são reafirmados por diversas vias: “só que o CAUM tem uma coisa, que assim, quando você da aula no CAUM você não quer mais parar de dar” como diz Natália, ao falar sobre o carinho que os professores do cursinho desenvolvem ao participar do projeto.

Considerar-se-á que “dentro da rede pública o professor não tem autonomia para trabalhar, né? É muito complicado (...)” como pontuado no vídeo por Breno, e para complementar, o estranhamento nas relações se dão pela mudança nos parâmetros de relação e

Cine Trabalho

responsabilidade, alterando a percepção dos estudantes da rede ao ambiente universitário “os estudantes ainda chegam com um estranhamento muito grande, ainda querendo estabelecer a mesma relação que eles estabeleciam com a escola” como sugere Gustavo.

O projeto de organização baseado em horizontalidade ainda que utópico para rede pública pode ser aplicado em pequenos microcosmos, seja no experimento das escolas construtivistas, em projetos de escolas modernas, em cursinhos populares em diversas cidades, etc; Sendo que: ainda que distantes da aplicabilidade massiva nas escolas da rede pública por conta da formação limitada de seus professores, da rigidez das legislações e, principalmente, da ideologia dominante cuja perspectiva neoliberal de fomentar as escolas como tecnicistas em países periféricos... “o CAUM tem uma outra proposta, né? Uma proposta mais horizontal que coloca todos os setores, tanto dos estudantes, professores, coordenação e secretaria em diálogo constante. Sempre estamos dialogando.” como disse Breno em seu depoimento.

A diferença entre ser professor da rede e ser professor de cursinho popular é pontuado diversas vezes no vídeo: a horizontalidade presente no CAUM propõe uma perspectiva de escolarização em que o processo de ensino e aprendizagem é dialético; em que a inserção das assembleias e reuniões abertas ao projeto fazem com que o processo de formação do espaço escolar também se torne dialético, ampliando o poder de decisão do estudante cursista em questões como: qual a melhor maneira de ser ensinado? qual a função que o cursinho tem para aquele conjunto de pessoas? Claro que a formação não pode se tornar puramente subjetivista, mas deve sim se adequar as necessidades reais da formação individual e coletiva, levando em consideração a realidade material e política das pessoas, bem como o *locus* na qual o projeto esta inserido; tendo sido dito no vídeo: “tudo que nós deliberamos aqui é em reuniões abertas, em assembleias. Isso eu acredito que é um avanço muito grande dentro da educação, né? De qualquer proposta educacional, né? Porque você dá voz pra todo mundo (...) todo mundo decide junto” por Breno.

Claro que tal vídeo demonstra um recorte histórico e político, pode-se perceber claramente a abordagem baseada em Vygotsky e Leontiev na pedagogia apresentada pelos professores do vídeo, bem como um certo traço das pedagogias libertarias - que foram centrais na construção da educação brasileira anterior á massificação da rede pública como dever do estado - “nos tentamos ao máximo inserir os estudantes nesse processo, pra que eles se sintam parte desse processo e não as, elas partem de igual pra igual. Não tem uma pessoa responsável

Cine Trabalho

só por cobrar, uma pessoa que de certa forma centraliza as coisas num cargo. Nós temos funções mas essas funções não limitam outras ou ultrapassam a função da outra” conjectura Breno.

No que tange a renda destinada ao CAUM e aos professores Natália explica com clareza: “Com relação ao nosso pagamento, né? Nós somos bolsistas PROEX, então nós respondemos a PROEX, né? Não existe um contrato de trabalho com o CAUM, não existe um sindicato, não existe nada. Existe a PROEX financiando, e os estudantes do CAUM, ou seja, os estudantes da graduação que fazem parte do CAUM junto com os estudantes do CAUM tocando o barco” evidenciando que a relação do CAUM com a universidade é bastante complexa, pois por um lado o projeto ter autonomia e se autogerir é extremamente interessante para a formação dos estudantes da graduação, por outro lado é a maneira que a universidade democratiza (em nano escala) o problema da falta de acesso ao ensino superior, bem como tem mão de obra barata (afinal, atualmente as 9 bolsas de 400 reais) que garantem que 9 pessoas sejam remuneradas para exercer um trabalho que devia ser melhor remunerado pelo governo do estado.

Claro que, se formos por um viés gramsciano a educação é a única via pela qual a população teria real possibilidade de realizar uma transformação social, afinal, a capacitação intelectual (ainda que para ele seja por vezes autônoma e orgânica) pressupõe que as massas sejam educadas para a compreensão coletiva dos sistemas de exploração e opressão, bem como a construção de ideário genuinamente transformador, e não puramente reformado “minha participação enquanto ser social é mais relevante” como afirma Natália ao falar sobre sua contribuição para melhora.

A formação continuada e ampla tem significância dentro do debate acerca dos cursinho, complementando o que já foi dito, por se tratar de ampliação das capacidades de ensino, pesquisa e extensão, sendo especialmente relevante em um momento político em que percebemos que as taxas de analfabetismo funcional estão sendo colocadas de lado na lista de problemas importantes a serem resolvidos. Para além disto, Natália pontua com muita certeza em uma fala no vídeo algo que ainda temos como pungente (e quiçá, mais)- “Eu tenho que dar o meu melhor por eles, e não por filantropia, eu não to falando isso porque eu quero ajudar eles não, é político” o papel da garantia da formação pública gratuita e de qualidade vem como contrapartida á realidade das *fake news*, do analfabetismo funcional, da falha da formação política no geral em que as pessoas não conhecem o país que vivem, não compreendem as leis que as amparam ou que as prejudicam. As contradições inerentes ao projeto não barram o ideal comum de democratização do ensino, da qualidade de vida, sendo exemplificado pela Natália:

Cine Trabalho

“nós somos um cursinho pré-vestibular que é contra o vestibular, (...) a gente acredita na transformação social até as últimas consequências (...)”

Por fim, a universidade espera que os estudantes viabilizem projetos que explicitem as ações da universidade para a comunidade na qual ela se encontra, bem como a sociedade espera que o estudante gere e gire o capital, espera que os estudantes reproduzam uma lógica liberal, que ganhe notoriedade na produção de conhecimento mundial, e, atualmente, espera que os cursos de humanidades sejam fechados pois eles são formados por “maconheiros, comunistas, aborteiros e baderneiros” ou quaisquer outros termos tão delicadamente reproduzidos pelo presidente covarde e reprodutor de *fake news* do Brasil... Natália pontua tão clara e tão atemporalmente que: “o CAUM não é uma baderna, nunca foi, o CAUM aprova no vestibular, o CAUM faz tudo que a burocracia obriga uma instituição de ensino a fazer, que é formação, o CAUM dá formação, a questão é que é outro tipo de formação: aqui você não vai aprender Brasil colônia do jeito que você aprende na escola, aqui a gente só fala a verdade, existem vários pontos de vista de uma mesma história, e o nosso ponto de vista é o ponto de vista dos excluídos. Essa foi a opção que o CAUM fez. Isso é uma opção política, e como toda opção política ela é mais difícil, né? é mais difícil você denunciar, é mais fácil reproduzir. É mais difícil você desmascarar, é mais fácil aceitar”.

Sendo assim, finalizo com uma frase do final do depoimento da Natália que, apesar de ser uma frase clichê, traduz o que a pedagogia chama de formação onipotente, bem como traduz a aspiração de qualquer professor que entende que os estudantes não são uma tabula rasa, e que eles não são os portadores da verdade, e sim que o processo de ensino e aprendizagem é dialético, é difícil, e é recompensador pois é humanizante: “porque isso é legal, no CAUM você aprende a ser mais ser humano”